



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/02/2024 e 29/02/2024

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>23/02/2024</b>	11,33	331,50	44,02	5,73	3,99
<b>26/02/2024</b>	11,36	334,40	44,40	5,77	4,07
<b>27/02/2024</b>	11,31	327,80	44,91	5,86	4,08
<b>28/02/2024</b>	11,34	331,30	44,66	5,71	4,13
<b>29/02/2024</b>	11,28	333,30	44,66	5,77	4,15
<b>Média</b>	<b>11,32</b>	<b>331,66</b>	<b>44,53</b>	<b>5,77</b>	<b>4,08</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	108,00	
RS – Não Me Toque	107,00	
RS – Londrina	100,00	
PR – M.C.Rondon	100,00	
MT – C.N.Parecis	98,00	
MS – Maracaju	99,00	
GO - Rio Verde	102,00	
BA – L.E.Magalhães	98,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	56,00	CIF
Porto de Paranaguá	ND	CIF
Porto de Rio Grande	N/D	
RS – Não-Me-Toque	50,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – M.C.Rondon	46,00	
PR – Londrina	45,00	
MT – C.N.Parecis	41,00	
MS – Maracaju	46,00	
SP – Itapetininga	57,00	
SP – Campinas	61,00	CIF
GO – Rio Verde	54,00	
GO – Jataí	54,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	62,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	63,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 28/02/2024

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 29/02/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	52,10	108,59	61,53

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
29/02/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	107,42
Feijão (saco 60 Kg)	382,22
Sorgo (saco 60 Kg)	44,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	ND
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,05**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,15

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Dezembro/23, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram cedendo nesta última semana de fevereiro. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (29) em US\$ 11,28/bushel, contra US\$ 11,47 uma semana antes. O farelo de soja chegou a atingir a US\$ 327,80/tonelada curta, enquanto o óleo veio a 44,02 centavos de dólar por libra-peso em alguns momentos da semana. O mercado trabalha, portanto, nas mais baixas cotações em mais de três anos. E a tendência parece ser de continuidade deste processo por mais algum tempo, especialmente se os EUA confirmarem aumento na área semeada com soja em 2024 e o clima auxiliar no desenvolvimento da futura safra.

Dito isso, as exportações de soja, por parte dos EUA, enfraqueceram no final de fevereiro. Na semana encerrada em 22 de fevereiro o volume ficou em apenas 55.900 toneladas, ou seja, muito abaixo das expectativas do mercado, ficando 71% abaixo da média das últimas quatro semanas. No total do atual ano comercial, os EUA exportaram, por enquanto, 38,9 milhões de toneladas, contra mais de 48 milhões na mesma época do ano anterior. No caso do farelo de soja, os EUA venderam 202.000 toneladas na citada semana, ficando 35% abaixo da média das quatro semanas anteriores.

Já no Brasil, com um câmbio girando entre R\$ 4,90 e R\$ 5,00 por dólar, e prêmios negativos, a pressão baixista de Chicago continua a se fazer sentir. A média gaúcha praticamente se estabilizou, fechando a semana em R\$ 108,59/saco, sendo que existem praças locais trabalhando a R\$ 107,00 e até um pouco abaixo disso. No restante do país, os preços da soja oscilaram entre R\$ 98,00 e R\$ 102,00/saco em termos médios.

Dito isso, a colheita brasileira se aproximava de 40% da área total, pressionando os preços internos, mesmo que os números totais de produção estejam abaixo do esperado inicialmente, como já visto no boletim anterior. Chuvas mais intensas atrasaram a colheita nesta última semana de fevereiro. (cf. Pátria AgroNegócio e AgRural)

Especificamente no Mato Grosso, a colheita chegava a 76,4% da área no dia 23/02, com o ritmo se mantendo adiantado em relação a média histórica, que é de 72% para o atual período. (cf. Imea)

Pelo lado das exportações, os números finais referentes a 2023, segundo a Datagro, ficaram em 126,8 milhões de toneladas para a totalidade do complexo soja brasileiro, com avanço de 24,7% sobre o registrado em 2022. Desse total, o grão de soja atingiu a 101,8 milhões de toneladas, ganhando 29,4% sobre o ano anterior, o farelo chegou a 22,6 milhões, avançando 11,1% sobre 2022, e o óleo atingiu a 2,3 milhões de toneladas exportadas, registrando um recuo de 9,6%. Esse recuo se deve, em especial, ao maior uso do óleo de soja na fabricação de biodiesel nacional. Com isso, em valores, o país exportou US\$ 67,4 bilhões somente com o complexo soja, avançando 10,9% sobre a receita obtida em 2022. O grão de soja gerou um ganho de US\$ 53,3 bilhões (+14,7%); o farelo US\$ 11,5 bilhões (+11,4%); e o óleo US\$ 2,6 bilhões, com recuo de 35,1% sobre o ano anterior. Lembrando que as exportações totais do Brasil, em 2023, atingiram a US\$ 339,7 bilhões. Ou seja, o complexo soja

participou com 19,8% de todo o valor exportado pelo Brasil no ano passado, contra a média de 16,2% nos últimos 10 anos.

Dito isso, a Datagro projeta vendas menores em 2024, com um total de 114,9 milhões de toneladas para o complexo soja, ou seja, 9,4% a menos do que em 2023. Seriam 88,8 milhões de toneladas do grão (-12,8%); 24 milhões em farelo (+6,1%) e 2,1 milhões em óleo de soja (-10,6%). Com este recuo, e a queda nos preços internacionais, a receita total de 2024 está projetada para US\$ 54,5 bilhões, ou seja, um recuo de 19,1% sobre o ano passado. Seriam US\$ 41,7 bilhões em grãos de soja (-21,7%); US\$ 10,6 bilhões em farelo (-8,2%) e US\$ 2,2 bilhões em óleo (-14,5%). Com isso, a participação do complexo soja junto ao total exportado pelo Brasil, no corrente ano, deverá recuar.

E segundo a Secex, o Brasil exportou, nos primeiros 15 dias úteis de fevereiro um total de 5,0 milhões de toneladas, já atingindo praticamente todo o volume que foi exportado na integralidade do mês de fevereiro de 2023. Como tem ocorrido nos últimos anos, a China é o nosso principal comprador de soja. Das 7,8 milhões de toneladas embarcadas nos primeiros 45 dias de 2024, cerca de 6 milhões teriam ido para a China, ou seja, 77% do total. Em 2023 a China comprou mais de 70 milhões de toneladas de soja brasileira. Em tal contexto, até maio ou junho os chineses estariam abastecidos, não fazendo grandes pressões sobre o mercado. Em termos comparativos, em 2023 as exportações brasileiras de soja subiram 29%, enquanto as estadunidenses caíram 14% em relação ao ano anterior. Juntos, os dois países respondem por 80% das vendas de soja no planeta, enquanto sozinha a China compra 60%. O Brasil superou os EUA como maior exportador mundial da oleaginosa, pela primeira vez, em 2013. E atualmente, a China é seu maior parceiro comercial, entre outros produtos, na soja. Nos últimos 20 anos (2003 a 2023), as exportações de soja brasileira cresceram 431%, saltando de 19,2 milhões para 102 milhões de toneladas. (cf. Brandalitze Consulting)

Por outro lado, nos últimos cinco anos o Brasil tornou-se fortemente dependente das importações chinesas, sendo que 73% da soja exportada pelo Brasil foi para a China, contra uma média de 51% dos Estados Unidos. Isso torna o Brasil muito vulnerável ao que acontece política e economicamente na China, sendo perigoso. Afinal, após duas décadas de aumentos quase constantes, as importações de soja da China têm registrado alguns períodos de redução desde 2019. Estas flutuações têm sido associadas aos impactos da pandemia da COVID-19 e aos surtos de peste suína africana. Mas há uma perspectiva entre vários analistas mundiais de que as importações de soja da China já possam ter atingido o seu ponto mais alto. Ao mesmo tempo, a China busca ampliar sua produção local e reduzir sua dependência de importações. Como parte do seu Plano Agrícola Quinquenal, que vai até 2027, a China deu prioridade ao aumento da autossuficiência em soja e outros cereais e sementes oleaginosas. (cf. Universidade de Illinois)

Diante de tal quadro, e voltando a análise conjuntural, o Brasil atualmente ainda teria de 105 a 110 milhões de toneladas de soja para comercializar, oriunda da safra recorde de 2023/24. Com os preços cada dia um pouco mais baixos, os produtores estão segurando o produto, dentro do possível, fato que pressiona ainda mais o mercado em um horizonte de médio prazo. Na prática "não há negócios. O comprador não está disposto a pagar mais pelo produto e o produtor rural não está disposto a se submeter

a vendas nos atuais preços e temos agora um momento de atraso no processo de colheita", em algumas regiões do país. (cf. Pátria AgroNegócios) De forma geral, tal realidade está sendo um grande problema para os produtores que não se prepararam quando a situação do mercado esteve altamente positiva em anos recentes.

Para complicar o cenário, a soja 2023/24, que está sendo colhida, começará a ser embarcada somente em março e a programação aponta para um volume 46,9% menor em comparação com o visto no mesmo período do ano passado. No final de fevereiro, as nomeações de navios para embarques em março são 45,2% menores em comparação com o mesmo período de fevereiro de 2023. (cf. Pine Agronegócios)

Assim, para os próximos meses não se espera grandes mudanças na tendência baixista dos preços da soja, salvo surpresas. Além disso, logo mais chega o momento que o produtor precisará vender a atual safra para pagar os compromissos bancários, podendo pressionar ainda mais os preços internos para baixo.

Segundo o Imea, tomando o Mato Grosso como referência, "para que haja ao menos uma recomposição dos estoques que estão sendo carregados - considerando custo de carregamento, média quebrada da produção e pagamento de investimentos que estão sendo feitos - os preços teriam de se mostrar acima de R\$ 120,00/saco para estimular novas vendas. Para se ter uma ideia do problema existente, em 20/02/2024, segundo ainda o estudo do Imea, no Mato Grosso, uma soja de R\$ 95,00/saco, em um período de oito meses - de março a outubro -, para o produtor que optar por manter essa soja no armazém, pagando armazenagem e quebra técnica, deixando de ganhar os juros, será preciso que haja uma alta de R\$ 11,00/saco para manter essa soja armazenada (e essa decisão ser compensada). Considerando que os indicativos em Chicago ainda são de cotações em recuo para os meses futuros, não valeria a pena segurar a soja para vender no segundo semestre, conforme as condições atuais do mercado, afirma o Instituto. Isso precisa ser analisado pelo Brasil inteiro já que o quadro é bastante semelhante em todas as regiões produtoras. O problema é que a grande maioria dos produtores nacionais não travaram preço, estando a descoberto no mercado, à mercê das oscilações constantes do mesmo. Assim, o grande desafio aos produtores, e que não é de hoje, é focar na gestão de risco de preço. (cf. Agrinvest)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, romperam o piso dos US\$ 4,00/bushel por alguns momentos desta semana (US\$ 3,99/bushel no dia 23/02), algo que não ocorria há muitos anos. Já o fechamento desta quinta-feira (29) foi um pouco melhor, ficando em US\$ 4,15/bushel, contra US\$ 4,06 uma semana antes. Mas o quadro geral do cereal, em Chicago, por enquanto, é extremamente baixista, mesmo com o indicativo de menor área a ser semeada em 2024 nos EUA.

Dito isso, as exportações de milho, pelos EUA, na semana encerrada em 22/02, somaram 820.400 toneladas, ficando 30% abaixo da média das quatro semanas anteriores, embora o volume tenha vindo dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado pelos EUA, no atual ano comercial, chega, no momento, a 37 milhões de toneladas, contra pouco mais de 28 milhões no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços se mantiveram estáveis, com algumas melhorias em regiões pontuais. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 52,10/saco, mas as principais praças locais se mantiveram em R\$ 50,00. No restante do país, os preços recuaram, girando entre R\$ 41,00 e R\$ 57,00/saco. E na B3, o fechamento do dia 28/02 manteve-se negativo, com os primeiros contratos futuros girando entre R\$ 56,83 e R\$ 60,20/saco, quando no final do ano passado se falava em possíveis R\$ 70,00/saco na virada do ano.

De forma geral, os preços do milho estão sofrendo as consequências da cautela dos consumidores em comprar mais, diante da entrada da safra de verão e da forte baixa dos preços internacionais. E isso, mesmo com a tendência de uma produção menor na futura safrinha.

Especificamente no Paraná, 65% das lavouras de verão estão colhidas, enquanto 66% da área esperada para a safrinha já foi semeada, com 94% em boas condições e 6% regulares. (cf. Deral)

E no Mato Grosso, o plantio da safrinha segue adiantado em relação ao ano passado e à média histórica. O mesmo atingiu a 80,4% da área esperada no dia 23/02, contra 75,2% na média histórica.

Enfim, nos primeiros 15 dias úteis de fevereiro do corrente ano o Brasil embarcou 1,7 milhão de toneladas de milho. A média diária está em recuo de 11,5% em relação a fevereiro de 2023.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, contrariamente à soja e o milho, se mantiveram relativamente firmes nesta semana, porém, com pequeno viés de baixa. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (29) em US\$ 5,77, contra US\$ 5,83 uma semana antes.

Enquanto isso, as exportações do cereal, na safra 2023/24, por parte dos EUA, somaram 233.500 toneladas, com recuo de 38% diante da média das quatro semanas anteriores. O volume ficou abaixo das expectativas do mercado, e no total do atual ano comercial, os EUA já exportaram 17,8 milhões de toneladas, contra 16,8 milhões no mesmo período do ano anterior.

Ao mesmo tempo, a Argentina estima sua safra em 15,9 milhões de toneladas, com ajustes para cima em relação aos dados de janeiro.

Já no Brasil os preços cederam um pouco, com a média gaúcha fechando a semana, e o mês de fevereiro, em R\$ 61,53/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 63,00 e R\$ 66,00/saco.

Na medida em que diminui a oferta de trigo de qualidade no país, em função da frustração da última safra, as importações aumentam. Estas chegam com valores competitivos, pressionando os preços internos para baixo. Para se ter uma ideia, até a terceira semana de fevereiro as compras externas de trigo, por parte do Brasil, somavam 383.950 toneladas, contra 291.630 toneladas adquiridas em todo o mês de

fevereiro do ano passado. (cf. Secex) A preocupação atual é que, diante dos atuais preços, o próximo plantio de trigo seja reduzido no país.

Na prática, a estabilidade cambial e os preços mais baixos do trigo argentino não permitem que o produto de qualidade brasileiro, mesmo com menor oferta, tenha preços elevados. Assim, para competir com o trigo argentino (CIF Curitiba), produtores do Paraná precisariam vender por cerca de R\$ 1.240,00 a tonelada (R\$ 74,40/saco), enquanto os gaúchos, para o CIF Grande Porto Alegre, necessitariam negociar em torno de R\$ 1.230,00 a tonelada (R\$ 73,80/saco). No entanto, como o país apresenta uma oferta muito elevada de trigo de menor qualidade, este produto está sendo negociado a preços menores.

Enfim, a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC) informa que o Brasil planeja exportar 715.863 toneladas de trigo em fevereiro, contra 522.988 toneladas no mesmo período do ano anterior. No acumulado de 2024, as exportações brasileiras de trigo totalizam 1,4 milhão de toneladas, contra 2,5 milhões de toneladas do ano anterior.